



# SINOPSE SINTIUS

## Informativo do Sindicato dos Urbanitários

### 11/11/2021

Disponível em nosso site: <https://sintius.org.br>

#### A disparada da informalidade

Ainda que o mercado de trabalho formal (carteira assinada) tenha acelerado o ritmo de geração de vagas, o emprego informal é um importante reflexo da pandemia e continuará em níveis elevados no próximo ano, segundo economistas. Um estudo da consultoria iDados com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua Trimestral e divulgado pelo jornal Valor mostra que 48,7% dos ocupados eram informais no segundo trimestre. Esse percentual equivale a 42,7 milhões de trabalhadores, perto dos 46 milhões de habitantes do Estado.

Esse índice supera os 48,5% de igual período em 2019 e, além de se aproximar da triste marca de metade dos trabalhadores mergulhados na informalidade (em pouco tempo a maioria da mão de obra do País poderá ser informal), traz uma carga pesada de impactos socioeconômicos. Além dos rendimentos bem mais baixos como resultado dessa precariedade no emprego, há uma barreira desse contingente à bancarização e ao acesso ao crédito com juros mais reduzidos. Esses brasileiros também enfrentam dificuldades para se capacitarem e buscarem melhores ocupações ou ao menos tentarem ingressar na formalidade. Assim, há um risco de empobrecimento acentuado se a contratação com carteira não engrenar no próximo ano. Aliás, economistas, como Daniel Duque, do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da Fundação Getúlio Vargas, afirmam que a geração de empregos estimulada pela reabertura desde o relaxamento das medidas sanitárias nos últimos meses vai arrefecer em 2022 com o crescimento mais lento - ou talvez recessão do País.

Portanto, o governo, se realmente estiver preocupado com a realidade das ruas, ao invés de centrar suas energias apenas no Auxílio Brasil, deveria simultaneamente adotar medidas mais objetivas para estimular o emprego formal. Não apenas para as faixas mais jovens ou a partir dos 50 anos, como já foi anunciado. Por exemplo, por meio de um grande programa de obras de infraestrutura ou de transição para energias sustentáveis. Entretanto, o foco de fim de gestão prioriza o curto prazo, mas é preciso pensar em medidas de alcance mais prolongado.

Saiba mais em redação: A Tribuna, quinta-feira 11 de novembro.

#### Inflação acumulada em 12 meses atinge 10,67%

A inflação no país continua a subir, principalmente puxado pela alta da gasolina. O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) em outubro foi de 1,25%, no acumulado dos últimos 12 meses é de 10,67%.

“Foi a maior variação para um mês de outubro desde 2002 (1,31%)”, destacou o IBGE.

O resultado da inflação em outubro veio acima do esperado. Pesquisa da Reuters apontou que a expectativa de analistas era de uma taxa de 1,05% em outubro.

O grande vilão da inflação foi a gasolina, que teve aumento em seis meses seguidos. Um aumento de 3,10%, respondendo por 0,19 ponto porcentual da alta do IPCA no mês.

“A alta da gasolina está relacionada aos reajustes sucessivos que têm sido aplicados no preço do combustível, nas refinarias, pela Petrobras”, afirmou o gerente do IPCA, Pedro Kislanov.

Além da gasolina, houve aumento nos preços do óleo diesel (5,77%), do etanol (3,54%) e do gás veicular (0,84%).

O G1 publicou uma lista com o aumento da inflação dos grupos pesquisados. Confira: Alimentação e bebidas: 1,17%; Habitação: 1,04%; Artigos de residência: 1,27%; Vestuário: 1,80%; Transportes: 2,62%; Saúde e cuidados pessoais: 0,39%; Despesas pessoais: 0,75%; Educação: 0,06%; Comunicação: 0,54%

Saiba mais em: CNTI, quinta-feira 11 de novembro.

## Com conta de luz e gás de botijão, gasto com habitação sobe 1,04% no IPCA

As famílias brasileiras gastaram 1,04% a mais com habitação em outubro, uma contribuição de 0,17 ponto porcentual para a taxa de 1,25% registrada pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) no mês, informou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A energia elétrica subiu 1,16%. Em outubro, foi mantida a bandeira Escassez Hídrica, que acrescenta R\$ 14,20 na conta de luz a cada 100 kWh consumidos.

Houve reajustes em Goiânia e São Paulo, enquanto o custo da conta de luz caiu em Brasília e Campo Grande.

O gás de botijão subiu 3,67%, a 17ª alta consecutiva, acumulando elevação de 44,77% desde junho de 2020.

A taxa de água e esgoto aumentou 0,22%, em decorrência do reajuste nas tarifas em Vitória.

Saiba mais em: **A Tribuna, quarta-feira 10 de novembro.**

## Inflação não se esgota em 2021 e também ameaça preços em 2022

Os reflexos da escalada da inflação no Brasil vão além da onda de revisões para cima no IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) de 2021.

Produtos e serviços devem permanecer pressionados no curto prazo, em meio a um contexto de dólar alto, incertezas fiscais e retomada do setor de serviços.

O quadro traz o risco de a inflação se espalhar ainda mais pela economia, pelo menos até a largada de 2022, comprometendo o desempenho da atividade econômica, apontam analistas.

A preocupação ganhou força nesta quarta-feira (10), após a divulgação do IPCA de outubro. No mês passado, o indicador oficial de inflação subiu 1,25%, acima das projeções do mercado.

Com o resultado, a inflação acumulada em 12 meses permanece acima de dois dígitos, alcançando 10,67%.

Em novembro, a gasolina deve voltar a pressionar o IPCA, aponta o economista André Braz, pesquisador do FGV Ibre (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas). Isso deve ocorrer porque, no final do mês passado, a Petrobras anunciou um novo reajuste nas refinarias. O óleo diesel também subiu na ocasião.

"A grande questão é a incerteza fiscal. Há uma inércia inflacionária muito grande no país. A gente vai levar o efeito de alguns reajustes deste ano para 2022", define Braz.

O economista relata que, além dos combustíveis, itens como a energia elétrica devem continuar pressionando o bolso dos consumidores entre o final de 2021 e o início de 2022.

A bandeira de escassez hídrica, que encarece a conta de luz, deve vigorar até abril do próximo ano.

Combustíveis e energia elétrica em nível elevado aumentam os custos de operação de empresas, que podem repassá-los para bens e serviços vendidos ao consumidor.

"A energia elétrica só deve ficar mais baixa a partir de maio", diz Braz.

José Ronaldo Souza Júnior, diretor do Ipea e professor do Ibmec-RJ, avalia que a inflação no Brasil deve continuar pressionada entre o final de 2021 e o começo de 2022. Ele relata que a volta do setor de serviços é um elemento a mais de impacto no IPCA neste momento.

Apesar disso, o analista projeta uma trégua nos preços ao longo do próximo ano, devido a fatores como os juros mais altos e melhores condições hídricas, que podem baixar a conta de luz.

Saiba mais em: **Folha de São Paulo, quinta-feira 11 de novembro.**